

Novidade pode ficar só na reativação da TBC

Copom não deve ir muito além de fixar o piso mínimo das taxas

• **BRASÍLIA.** A última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, neste ano, poderá trazer como principal novidade a retomada da política de bandas para a fixação das taxas de juros da economia brasileira. A partir de amanhã, o BC poderá voltar a arbitrar qual será o piso mínimo das taxas de juros, com a reativação da Taxa Básica do Banco Central (TBC), que estabelece quanto o BC cobra para emprestar aos bancos.

Além disso, a Taxa de Assistência do Banco Central (Tban) voltará a mostrar até onde o BC poderá aumentar os juros a curto prazo. Desde setembro passado, quando aumentou os juros de 19% para 49,75%, o BC vem fixando as taxas de juros por intermédio de suas operações diárias com o mercado.

Entretanto, a volta da sistemática de bandas para os juros não significa que o BC venha a derubar as atuais taxas, em torno de 32,4% para 27% ou 25% ao ano, conforme especulam alguns analistas de mercado. Isso, segundo uma fonte da equipe econômica, significaria adotar uma atitude agressiva em um momento que continua exigindo cautela extrema, por causa da não aprovação das medidas fiscais e até mesmo da consolidação do acordo firmado com o Fundo Monetário Internacional.

— O ajuste fiscal ainda não foi totalmente aprovado, o fluxo está ruim e, por isso, o mais provável é que o BC seja conservador e apenas sinalize que a tendência de queda gradual continuará — afirma Gustavo Loyola, ex-presidente do BC, sem no entanto querer prever qual o nível de juros ideal.

Carlos Eduardo de Freitas, ex-diretor da Área

Internacional do Banco Central, sequer vê necessidade de mudança na sistemática das taxas de juros. Isso porque, assinala, há uma perspectiva de saídas da ordem de US\$ 5 bilhões em dezembro, já ocorreram saídas de US\$ 1 bilhão nos últimos dias, e não se tem aprovada nem a metade das medidas necessárias para economizar R\$ 28 bilhões no ano que vem.

— A declaração do mercado se dá é no saldo cambial de todo dia. Baixar juros pode levar ao aumento da hemorrhagia de dólares. Não sei se o FMI vai permitir uma medidas dessas neste momento, mas de um BC que reduziu juros logo depois da moratória da Rússia pode se esperar qualquer coisa — disse Freitas.

De acordo com uma fonte do Governo, uma redução das taxas poderia ser inútil neste momento pois não implicaria reversão de perspectivas por parte de quem vai investir no setor real da economia, por diferentes razões. A primeira é o fato de que, sazonalmente, as decisões de investimentos, compras e gastos por parte das empresas são menores em início de ano. Além disso, quem investe pesado enfrenta uma taxa de juros de longo prazo (TJLP) acima de 18%, que só deverá baixar daqui a três meses.

Outra razão que torna ineficaz uma redução das taxas é que as perspectivas de queda da atividade econômica não são tão drásticas para este fim do ano.

— Enquanto a votação de medidas fiscais, como CPMF e Cofins, não estiver decidida e o próprio acordo com o Fundo Monetário Internacional não estiver acomodado, não haverá razão para reduzir os juros — afirma um integrante da equipe econômica.